

AS PAISAGENS CREPUSCULARES DA FICÇÃO-CIENTÍFICA: A ELEGIA DAS UTOPIAS URBANAS DO MODERNISMO

BARBOSA, Jorge Luiz.

São Paulo: Departamento de Geografia da Universidade
de São Paulo, 2002.

Tese de Doutorado. 292 páginas.

Por Verónica Turrado¹

O Professor Jorge Luiz Barbosa, do Departamento de Geografia da Universidade Federal Fluminense, defendeu sua tese de Doutorado, intitulada *As paisagens crepusculares da ficção-científica: a elegia das utopias urbanas do modernismo*, em outubro de 2002, junto ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade de São Paulo. Composta por seis capítulos, esta tese apresenta nos dois capítulos iniciais a proposta de trabalho e a análise das categorias teóricas com as quais o autor opera. Estas categorias estão interligadas em termos históricos e conceituais e são utilizadas simultaneamente para propiciar a apreciação das implicações subjetivas daquilo que será o seu material de estudo: os filmes de ficção-científica. Nos quatro capítulos subseqüentes são analisados quatro filmes, que representam as “cidades do futuro”, as quais o leitor é convidado a visitar.

Uma das características marcantes deste trabalho é o constante diálogo que o autor estabelece com inúmeros expoentes das artes e das ciências, como pintores, poetas, escritores, fotógrafos, arquitetos, filósofos e geógrafos. As contribuições destes intelectuais são utilizadas de maneira profícua pelo autor, como referências para nortear os seus questionamentos sobre o imaginário utópico e a historicidade da metrópole.

Pensar a metrópole do futuro com um horizonte “utópico” (ou seja, a “desconstrução do real” para a sua transformação) não tem sido tarefa

¹ Mestranda do Departamento de Serviço Social PUC-Rio.

fácil, pois, segundo o autor, a complexidade do espaço urbano metropolitano traz novas exigências de interpretação. Neste sentido, o trabalho de Jorge Luiz Barbosa, inscrito no âmbito da Geografia e integrado às visões de outras ciências e das artes, é uma contribuição valiosa para todos e, particularmente, para os Assistentes Sociais. Na sua integralidade, este trabalho constitui um desafio para a reflexão e a intervenção, convidando à um diálogo com o “diferente”, para nos enriquecermos com a diferença e não para negarmos a sua existência.

O autor empreende a sua reflexão com o objetivo de olhar a cidade “pelo avesso”. Da mesma maneira que Baudelaire - na poesia - e Benjamin - na filosofia - se servem de “artefatos de representação” para captar o “outro lado” do comum e rotineiro, a proposta aqui é a utilização de um gênero cinematográfico - a ficção-científica - para encontrar um ângulo novo e diferente de percepção da cidade. Segundo o autor, ao invés de fugir dos temas da realidade, a ficção-científica reúne um potencial crítico do imaginário, que é pouco explorado e fundamental para a proposta de “convocar o ‘futuro’ para salvar o presente do esquecimento”. Desvendar imagens da metrópole possível do futuro é o grande objetivo deste trabalho e, para tanto, a relação cidade-representação e o conceito de paisagem tornam-se ferramentas centrais de análise.

No primeiro capítulo, “A cidade como obra e paisagem nas representações estéticas do espaço social”, são estabelecidas as relações entre o conceito “obra de arte” - como “interrogação e possibilidade de resposta da vida e da história, confrontando a concepção da Cidade como obra de arte e como meio instrumental de realização disciplinar da vida em sociedade” -; as representações do espaço - a partir da “paisagem” como “percepção e representação” do real imediato -; o cinema - “arte-produto” reprodutor das paisagens - e a “cidade” - como lugar de “produção e invenção das narrativas cinematográficas”. O autor recupera a relação histórica entre os nascimentos da grande cidade e do cinema, como expressão de uma “nova experiência de tempo e espaço”, num mundo que se tornava moderno. A tela do cinema representa o “acaso da civilização urbana”. O objetivo do autor, ao evocar o futuro “simulado” da “ficção-científica é elaborar uma cartografia de novas referências”, perguntando-se se é o cinema capaz de sugerir outro mundo.

Baseado na obra *A utopia*, de Thomas Morus, o autor desenvolve o segundo capítulo, intitulado “Utopia e ficção-científica como paisagens do devir”. Neste, é pensada a utopia como ficção do espaço urbano: a

utopia como representação da “cidade do devir”, a ficção-científica como “u-topia” do espaço social e a ficção-científica como devir da Cidade. O autor extrai da obra de Morus a idéia da cidade como um “estatuto estético-científico”. A “cidade” concebida como “obra de arte”.

Mas, qual seria a relação entre utopia e ficção-científica? A utopia tem por objetivo desvendar o “presente-real” e transformá-lo. A ficção-científica, “resgata a experiência humana através daquilo que anuncia como seu vir-a-ser”. Elas movem-se no campo do “virtual” e do “possível”, contudo a primeira privilegia a relação “possível-impossível” e a segunda a relação “possível-simulação”.

A partir do terceiro capítulo o autor promove um passeio pelas cidades projetadas na tela do cinema, começando por *A estação Metrópolis*. Filme dirigido e produzido por Fritz Lang, no ano de 1926, este é considerado um clássico da ficção-científica. *Metrópolis* representa a metrópole capitalista moderna regida pelos novos critérios da “cultura fordista”; a utopia da máquina e seu esplendor; a emergência da “máquina-metrópole”. Partindo das características do filme, o autor utiliza várias obras de H. Lefevre para aprofundar a consideração das representações do espaço urbano, o contraste da cidade como obra - onde prima o uso - e a cidade como produto - onde domina o valor de troca. Essas dimensões - obra e produto - não têm possibilidade de cruzamento nesta cidade, pois a diversidade está oculta.

O filme *Alphaville: a arcádia tecnológica do capitalismo tardio*, analisado no capítulo seguinte, translada o leitor para outra cidade. Os acontecimentos vinculados à II Guerra Mundial provocarão no gênero ficção-científica mudanças importantes, que passa a ser dominado pelas imagens de destruição, angústia e perdas. Jean-Luc Godard dirige e produz *Alphaville* em 1965, colecionando fragmentos de outros filmes e elaborando com eles uma crítica da civilização urbana do presente. *Alphaville* é uma representação de metrópole moderna: espaço urbano esvaziado de sentido e de experiências comunicáveis. *Alphaville* expõe “o domínio dos simulacros na vida das metrópoles modernas”.

No capítulo quinto, o filme *Los Angeles 2019 AD: a cidade dos modernos em ruínas*, Barbosa apresenta uma paisagem de “novos encontros entre utopias e distopias do vir-a-ser da metrópole”, complementada pela descrição e análise do filme *Blade runner*, de Ridley Scott. As imagens são de uma futura Los Angeles em 2019, cidade pós-moderna por excelência. Aí se encontra representado o “conflito intenso e aberto entre

o progresso tecnológico e o acúmulo de lixo nas ruas, entre os gigantes-cos arranha-céus e a áspera erosão dos prédios de menor arrojo e altura". "Excesso e escassez" amalgamados num "híbrido urbano". O percurso deste capítulo coincide com a caminhada das personagens, especialmente dos "replicantes" - "criaturas geneticamente criadas para servir nas hostes da conquista técnico-militar do espaço sideral". Seguindo-os o autor encontra valiosos elementos da nossa condição pós-moderna, os quais analisa dialogando com Aristóteles, Lefevre e Harvey, entre outros. Alguns dos conceitos fundamentais, discutidos pelo autor, são os de "simulação", "relações de poder" e "submissão", "polis", "felicidade" e "história", "direito à cidade", "espaço vertical" e "horizontal" das metrópoles, o "outro" e o "diferente", a "cidade" como "obra de arte".

O sexto e último capítulo nos convida a visitar Matrix: a cidade evanescente. A chegada do terceiro milênio provocou uma explosão de produções no gênero de ficção-científica. Novos atributos tecnológicos foram introduzidos no universo da cultura visual, o que leva o autor a colocar em questão a relação entre cultura e técnica, apresentando diferentes posturas: Adorno e Horkheimer, MacLunham e Alvim Toffler. Preferindo uma posição equilibrada entre os extremos, o autor defende a relação histórica de comunicação entre a arte, a técnica e a ciência.

Matrix, dirigido por Andy e Larry Wachowski, em 1999, representa um conjunto de paisagens digitais que simulam a existência de uma metrópole real. O autor explora os dois mundos apresentados: o das metrópoles atuais e o mundo oculto da cidade histórica e real - Sião. A cidade representa um "território dominado por simulacros que aludem às novas condições de tempo e espaço, marcadas pelo domínio de ferramentas e instrumentos da Terceira Geração das Técnicas".

Seguindo o ritmo proposto desde o terceiro capítulo, os detalhes da trama e das personagens são selecionados para o estudo e colocados à luz de diversas contribuições teóricas. O autor relata as condições particulares do espaço e do tempo nesta "metrópole do futuro" e a passividade do ser humano, que já não mais habita a cidade, mas é habitado por ela, submergido nos sonhos que ela oferece.

Estas "cidades do futuro", escolhidas pelo autor, "desenharam um mapa de sonhos e pesadelos do processo de urbanização da sociedade sob a égide do capitalismo" e abriram a possibilidade de transitar nas "paisagens crepusculares" da ficção-científica: paisagens de encontro entre estética e história.

A tese do professor Barbosa constitui, neste sentido, uma abordagem não só original e criativa para o estudo das metrópoles do presente e do futuro, mas um grande esforço de estabelecer relações entre as formas da realidade urbana presente e as representações que dela constrói o nosso “futuro simulado”, valendo a pena o “passeio” a que nos convida o autor.